

DOSSIÊ - ENTREVISTA

Foto: Ricardo Pacheco, 2016



Prof.ª. Msc. Cristiane Sobral Correa Jesus

É bacharela em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília - UnB (1998), licenciada em Artes Cênicas pela Universidade Católica de Brasília (2006), especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Gama Filho (2008) e mestre em Artes pela UnB (2016). Atualmente é professora da Secretaria do Estado de Educação do DF, onde atua como coordenadora Intermediária trabalhando com projetos e políticas de fomento no âmbito da cultura negra. É atriz, escritora, diretora de teatro e professora.

“Como escritora, não existe momento mais rico do que esse que envolve a troca de sensações e experiências afetivas com o público leitor.”

1. Bruna Paiva de Lucena (BPL) – “Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e de colheita, o tempo das águas e da secas. A garrafada para o mau da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra”. (Conceição Evaristo. *Ponciá Vicêncio*, 2003, p. 28). Nesse trecho, a personagem de Conceição Evaristo fala da (des)importância da leitura em sua vida. Como você se tornou uma leitora? Qual seu percurso como leitora? Se possível, cite obras e autoras/es que marcaram sua trajetória como leitora.

Cristiane Sobral Correa Jesus – Meu ingresso no mundo das letras aconteceu em casa, meu pai era viciado nos jornais do dia e estava sempre lendo alguma coisa, fazendo palavras cruzadas, entre outros gestos de letramento. Minha mãe formou-se professora, mas não trabalhou fora de casa, trabalhava cuidando dos filhos e da casa, além das atividades como líder comunitária. Então, na época da minha alfabetização, fui estimulada por esses dois, em uma casa onde não havia recursos materiais para comprar livros, mas onde os livros apareciam emprestados, doados, enfim. Acrescento ainda uma imagem marcante. Minha mãe praticava uma religião cristã, trazia sempre folhetos, revistas, além do estudo diário da Bíblia. Em casa as crianças não tinham autorização para ver televisão, isso era levado muito a sério, então pude construir um mundo a partir do meu contato precoce com a leitura.

Minhas primeiras referências foram a Bíblia, Romeu e Julieta de Shakespeare, e O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry. Depois destaco textos teatrais de Bertold Brecht,

Nelson Rodrigues, além de Malcom X de Alex Haley, e Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. Na poesia, Agostinho Neto, Sagrada Esperança, Garcia Lorca, obra completa, e Elisa Lucinda, O Semelhante.

2. BPL – Anunciando a potencialidade da leitura na vida, Mário Quintana diz que “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”. Considerando isso, como a literatura influenciou na sua forma de ver o mundo, sua trajetória, formação e/ou atuação profissional? Se possível, cite o que você aprendeu, ou desaprendeu, com os livros que leu.

Cristiane - Aprendi e aprendo todos os dias com a leitura, leio e releio a minha subjetividade feminina e negra, escureço cada dia mais as minhas ideias, multiplico e potencializo a minha identidade múltipla, móvel e fluida. Aprendi a fazer uma releitura da história do nosso país, da cultura negra, das heranças patrimonialistas, machistas, hegemônicas, capitalistas e também pude reconhecer o racismo como sistema estruturante das relações sociais. No campo teatral, a experiência estética, a fruição artística, é um fenômeno transformador, alarga a percepção da vida, do cotidiano e aperfeiçoa o caráter, a ética e a sensibilidade.

3. BPL – Ler implica, muitas vezes, traçar similitudes e diferenças entre o lido, o observado e o vivido pelo/a leitor/a, sendo a experiência pessoal e afetiva com o texto um dos elementos levados em conta por escritores/as e formadores/as de leitores/as, seja na escrita ou escolha de um texto. Levando em conta isso, como você acha que a escola e o/a professor/a podem contribuir para a formação efetiva do/a estudante leitor/a?

Cristiane - A escola é primordial como um espaço de descobertas e práticas de leituras motivadoras, podendo ser um divisor de águas como um sistema estruturante de formação de hábitos de leitura. A literatura é um bem cultural que contribui para o campo cognitivo dos estudantes, ajuda a formar cidadãos mais conscientes das diversidades e especificidades humanas. Na escola conheci a minha primeira biblioteca. Adentrar aquele espaço mudou a minha vida, foi como se eu tivesse acessando um portal com infinitas possibilidades de ingresso em outros mundos, costumes e saberes. Mesmo a ausência da negritude nos livros que li, ou a sua representação estereotipada,

formaram em mim uma indignação e motivação no sentido de optar profissionalmente pelo ofício da escrita e da pesquisa por outras fontes negras a fim de escrever a partir do meu lugar de fala.

“A escola é primordial como um espaço de descobertas e práticas de leituras motivadoras, podendo ser um divisor de águas como um sistema estruturante de formação de hábitos de leitura.”

4. BPL – Uma das bases do projeto Mulheres Inspiradoras é a leitura de obras de autoria de mulheres, sendo você uma das autoras que compõe esse acervo destinado a escolas públicas do DF. Para você, qual a importância de se ler mulheres, em especial mulheres negras, na sala de aula? Além disso, como foi para você a experiência de chegar a escolas públicas sendo recebida pelas/os estudantes como escritora?

Cristiane - Como escritora, não existe momento mais rico do que esse que envolve a troca de sensações e experiências afetivas com o público leitor. Adentrar o ambiente escolar - espaço de onde nunca saí, uma vez que também sou professora -, vislumbrar o olhar atento e participante dos alunos, e o retorno positivo do ponto de vista da recepção e da representação no impacto com as obras, foi sem dúvida uma das experiências que mais alimentaram o meu processo criativo, adensando certezas nos caminhos estéticos e políticos escolhidos no escopo do meu campo criativo.

Por outro lado, a recepção também denuncia a surpresa e a raridade do encontro com corpos femininos negros nesse lugar, como sujeitos criadores da escrita, isso denuncia os meandros ainda operantes do racismo brasileiro, pois o campo literário também reflete a exclusão da população negra, de modo mais contundente quando falamos sobre mulheres negras e sua exclusão da vida pública do país.

No espaço escolar, lugar onde sofri tanta violência simbólica, racismo e bullying como a aluna que fui, pude receber o afeto, o abraço e o carinho dos estudantes, a admiração. Ali o meu cabelo, símbolo de tanta agressão no passado, ocupou o espaço como modelo e opção estética desejada. O meu lugar no mundo passou por um intenso processo de resignificação por meio desses encontros inexplicáveis e transformadores.

Cabe destacar também a transformação e a satisfação do corpo docente e o seu envolvimento, a relação afetiva operando positivamente entre os estudantes e o professor no contexto do seu protagonismo e o reconhecimento entre os demais membros do corpo pedagógico da escola a partir da participação no projeto Mulheres Inspiradoras. ■